

O PROBLEMA DO TEMPO EM PAUL RICOEUR

Constança Marcondes Cesar

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

A preocupação com o sentido do tempo e suas relações com o mito, a verdade, a linguagem e o ser do homem, caracteriza-se como uma das vertentes da reflexão de Ricoeur, ao longo dos últimos trinta anos. Nessa reflexão, os enfoques epistemológico, ontológico e estético encontram-se indissociavelmente ligados.

Do lado epistemológico, o pensador francês trata de mostrar que toda narrativa é interpretação do vivido, reconstrução, pela inteligência, do nosso ser-no-tempo.

Do lado ontológico, a meditação de nosso autor evidencia o confronto entre o tempo mortal e a eternidade, ponto de partida para o filosofar em torno da tristeza do finito, do destino humano.

No âmbito da estética, são entrelaçadas a problemática epistemológica e ontológica e proposta uma concepção **poética** do tempo humano. A arte é vida interpretada e elevada à sua máxima expressão, resgatando o homem da derelicção do tempo e solucionando o conflito entre tempo e eternidade. Imortalizando a vida fugidia, o **mythos** poético decifra a realidade essencial.

Trataremos, agora, de expor a presença e trajetória dessa temática nos escritos do filósofo, bem como de seguir seu desdobrar e aprofundamento.

Já em **História e Verdade** (1955), nosso autor assinala como tarefas da história a reconstituição do vivido pela narrativa, visando recompor a profundidade temporal, explicar e compreender os homens, exaltar um sentido.

No **A Simbólica do Mal** (1960), o pensador enfoca o tempo como a experiência da tristeza do finito, do destino de ser homem. Os mitos buscam uma compreensão da realidade humana na sua totalidade, através da linguagem simbólica, e tentam dizer o enigma da existência, a discordância entre a realidade fundamental e a atual do homem, entre o seu estatuto ontológico e sua alienação, entre o ser essencial e a existência histórica. Essa discordância está presente no mito adâmico, no mito da alma exilada, no mito trágico, no mito de Gilgamesh: elegias do tempo mortal.

Na **Introdução** da obra coletiva **As Culturas e o Tempo** (1975), Ricoeur assinala o pluralismo das concepções de tempo e história

em decorrência do pluralismo de linguagens. Apesar disso, é refletindo sobre a experiência do tempo que o homem apreende a tristeza do finito, a transitoriedade da condição humana, uma vez que é possível ultrapassar tal diversidade de culturas e traduzir as concepções de tempo umas nas outras. O problema que se põe aos filósofos é: que fazer da descoberta da pluralidade das concepções de tempo? Para não cairmos num **fanatismo** que adota uma tradição e uma concepção de tempo e ignora todas as outras, nem num **estatismo**, que busca um ponto de vista puramente aperceptivo para considerar a questão, é tarefa da filosofia reconhecer não somente a **dimensão pré-científica** de algumas concepções, mas também **aquilo que não é destruído** pela revolução científica, aquilo que permanece das concepções de tempo não-ocidentais, quando confrontadas com a nossa.

Em outra obra publicada no mesmo ano, o pensador francês estuda a metáfora, abordando a questão da criação de sentido na linguagem. O que importa é considerar o valor de verdade "do enunciado metafórico, enquanto poder de 'redescrever' a realidade"¹. A dimensão poética da linguagem, evidenciada pela metáfora, tem um caráter heurístico, de decifração do real. No discurso poético, "inventar e descobrir", "criar e revelar"² a realidade, coincidem; daí Ricoeur pôr a questão da verdade metafórica: a metáfora serve, na poesia, para **liberar** o discurso do seu caráter descritivo e elevá-lo ao nível mítico, em virtude da função de **descoberta** do discurso poético³. Já Aristóteles, segundo nosso autor, expunha o caráter essencialmente metafórico do mito. Para o filósofo grego, **mimesis** e **mythos** estão unidos na poesia trágica, porque "poesia (...) é uma imitação das ações humanas, mas esta **mimesis** passa pela criação de uma fábula, uma intriga" (**mythos**)⁴.

A Metáfora Viva preparou a obra-mestra de Ricoeur, **Tempo e Narrativa** (1983-1984), na qual ele aproxima a meditação sobre o tempo da epistemologia, filosofia da linguagem e estética.

Meditar sobre o tempo é, hoje, para nosso filósofo, compreender suas relações com a história, o mito, a arte.

O primeiro volume de **Tempo e Narrativa** (1983) retoma as preocupações do autor com a função poética da linguagem: o desvelamento do ser.

O núcleo do livro é a análise do parentesco entre narrativa histórica e narrativa de ficção, cujo denominador comum reside no caráter temporal da experiência humana.

Para fundar tal reciprocidade entre narrativa e temporalidade, Ricoeur aborda a teoria de tempo de Santo Agostinho e a **Poética** de Aristóteles.

De Santo Agostinho, põe à luz a dialética entre tempo e eternidade e a experiência do tempo como deficiência e dissolução, errância e tristeza do finito. Mostra, ainda, o aprofundamento dessa experiência na tematização da escuta do Verbo interior e da luta contra a linearidade do tempo.

Da **Poética** de Aristóteles, aborda os conceitos de **mythos** e **mimesis**, respectivamente **ordenação da intriga** e **imitação criadora** e o de **poiesis**, "arte de 'compor intrigas'"⁵ ficção que se apóia na experiência temporal viva.

Como a tragédia, a história trabalha com a **metabolé**, mudança da sorte. Para elucidar a mediação entre tempo e narrativa, Ricoeur faz a trajetória que vai do tempo **prefigurado** (experiência vivida) ao tempo **configurado** pelo mito, chegando ao **tempo refigurado** da história e da narrativa. Chama de **mimesis I** a pré-compreensão do caráter temporal, da estrutura e da simbólica do mundo da ação. Tal pré-compreensão deve ser mediada pela linguagem, que tem caráter diacrônico. Diz: "É sobre essa pré-compreensão, comum ao poeta e seu leitor, que se ergue a ordenação da intriga e, com ela, a mimética textual e literária"⁶.

Por **mimesis II**, entende a configuração narrativa, o **mythos**, que combina paradigma e invenção, permitindo a apreensão dos acontecimentos narrados como uma totalidade significativa.

Mimesis III, evidencia que a obra de arte projeta um mundo e o comunica, através da linguagem: "(...) a poesia, com seu **mythos**, re-descreve o mundo. Da mesma maneira (...) o fazer narrativo re-significa o mundo, na sua dimensão temporal, na medida em que recontar, recitar, é refazer a ação segundo o convite do poema"⁷. O que é refigurado, na arte e na história, é o tempo humano, donde a exigência de uma **fenomenologia do tempo**, que não é mera apreensão intuitiva deste, mas compreensão de que o tempo se hierarquiza em diversos níveis: tempo autêntico, tempo cotidiano e público, impondo a questão: "até que ponto uma reflexão filosófica sobre a narratividade e o tempo pode ajudar a pensar juntas a eternidade e a morte"⁸?

Confrontando argumentos pró e contra a história narrativa, Ricoeur afirma a existência de um laço **indireto** entre historiografia e narrativa. De um lado, considera a **ruptura epistemológica** entre narrativa e história, ao **nível dos procedimentos**, porque historiografia implica em conceitualização, estabelecimento da objetividade histórica e discussão de seus limites, apresentação dos modos de explicação histórica; ao **nível das entidades** que são objeto da história, porque a narrativa mítica e a crônica levam em conta as ações vinculadas a sujeitos individuais, enquanto a história assinala as ações de civilizações, sociedades, ou seja, entidades anônimas; ao **nível do estatuto epistemológico** do tempo histórico, porque este não tem relação direta com o tempo do sujeito individual, uma vez que é diverso da temporalidade da ação.

Apesar dessa ruptura há, no entanto, um laço indireto entre história e narrativa. A história se caracteriza por seu **enfoque poético**, uma vez que: utiliza o recurso da **reconstituição imaginária** e provável do curso dos acontecimentos, com a finalidade de compará-la depois com o curso real, atuando de modo análogo ao da construção probabilista e imaginária do **mythos**; **trabalha** com entidades que funcionam de modo semelhante ao dos personagens na narrativa, “**porque cada sociedade (...)** se comporta na cena histórica como um grande indivíduo (...)”⁹; **leva em conta** temporalidades múltiplas, que remetem à dialética temporal da narrativa, dado que tanto a história quanto a narrativa buscam universalizar o acontecimento, combinar contingência e veracidade, submeter-se a paradigmas e consideram a **metabolé** — mudança de sorte.

No primeiro volume de **Tempo e Narrativa**, nosso autor examinou o modo narrativo da história; no segundo volume (1984), enfoca a narrativa de ficção, estudando a estrutura temporal desse tipo de texto e os pontos de aproximação e oposição entre as narrativas de ficção e histórica. Seu objetivo é ampliar, aprofundar e enriquecer a noção de intriga (mythos) apresentada por Aristóteles e diversificar a noção de temporalidade apresentada por Santo Agostinho.

Tempo e Narrativa II mostra o enriquecimento dos conceitos de **ordenação da intriga** e **tempo narrativo**, através dos relatos de ficção. Para Ricoeur, a análise da linguagem evidencia que os sistemas de tempos verbais **não derivam** de uma experiência fenomenológica do tempo ou de uma distinção intuitiva entre presente, passado e futuro. Não há, contudo, uma ruptura absoluta entre o tempo vivido e o tempo da ficção, porque esta não se destaca do mundo prático, mas reorienta o olhar em direção à experiência, **descobre** e **cria** novos modos de apreensão do tempo. O que é narrado é sempre a vida; contudo, a vida como tal não forma por si mesma uma totalidade de sentido, mas totaliza-se pela narração. O **sentido** do tempo vivido é sempre resultado de uma interpretação, nunca um dado imediato¹⁰. Há um tempo **poiético** no horizonte de toda estruturação narrativa significativa, no horizonte de toda **criação** temporal.

A finalidade dos jogos com o tempo, na ficção, consiste na **articulação** da experiência do tempo, a experiência virtual de ser-no-mundo proposta pelo texto e refigurada pela narrativa.

Essa finalidade patenteia-se em três obras-mestras, que nosso autor escolhe para exemplificar a experiência temporal fictícia: **Mrs. Dalloway** (Virginia Woolf), **A Montanha Mágica** (Thomas Mann), **Em Busca do Tempo Perdido** (Marcel Proust).

As razões da escolha: essas obras **narram** uma fábula sobre o tempo; esboçam **variações imaginativas** que permitem superar a experiência temporal cotidiana; exploram as **relações** entre tempo e eternidade;

aprofundam níveis de temporalidade, mostram sua hierarquia e sua relação com a morte.

Em **Mrs. Dalloway**, Ricoeur aborda a experiência temporal exposta na visão do mundo de Virgínia Woolf, na qual se contrapõem o tempo monumental (cronológico) e o tempo subjetivo plural dos personagens. O horror pela história, patente nessa contradição, evidencia o tempo como o negativo da eternidade. E é “em relação a essa falha insuperável, cavada entre o tempo monumental do mundo e o tempo mortal da alma, que se distribuem e ordenam as experiências temporais de cada um dos (...) personagens e seu modo de negociar a relação entre os dois bordos da falha”¹¹.

Por sua vez, **A Montanha Mágica** é um romance do tempo num duplo sentido: o de se desenrolar no tempo e precisar de tempo para ser narrado; o de romance sobre o tempo, buscando evocar e narrar o próprio tempo, a contraposição entre o tempo dos relógios e calendários e o tempo interior. Romance do tempo, é também o romance da doença mortal, pondo à luz o pacto secreto entre o amor e a morte e a interação entre o tempo, a morte e a cultura; “o destino da cultura torna-se um aspecto do debate entre o amor e a morte; em troca, as decepções de um amor (...) tornam-se os ‘preceptores’ (...) na busca espiritual do herói”¹². Romance de aprendizagem, de educação para a morte, da perda do sentido do tempo, da experiência do tempo cósmico, o livro de Thomas Mann expõe o confronto do homem com a natureza, na fascinação pela doença e pela morte, na irredutível pluralidade dos sentidos do tempo vividos pelos personagens.

Em **Busca do Tempo Perdido**, fábula sobre o tempo que põe em questão a aprendizagem da verdade e do amor, via da **desilusão**, que conduz à decifração dos signos do mundo e da sensibilidade, encontra seu modelo paradigmático em **Um Amor de Swann** e o retematiza em **A Fugitiva** e **À Sombra das Raparigas em Flor**. Fábula sobre o tempo, enquanto promove a transição do tempo perdido ao redescoberto, a **Recherche** é também um confronto com a morte, que ameaça os sujeitos individuais e a própria expressão temporal da obra de arte.

Seu contraponto, **O tempo redescoberto**, meditação sobre o tempo e a vocação do artista, desemboca na reflexão sobre a eternidade que unifica presente e passado. A expressão **tempo redescoberto**, tem um duplo sentido: significa quer o extra-temporal (a eternidade), quer o ato de reencontrar o tempo perdido, através da criação artística.

Assim, num primeiro sentido, o “tempo redescoberto (...) é o tempo perdido eternizado pela metáfora”¹³, pois há uma relação metafórica entre a felicidade e a libertação do tempo, em Proust. A **metáfora**, no plano do estilo e o **reconhecimento**, na perspectiva do artista,

elevam as impressões ao plano da essência, revelando-a. Há, pois, em Proust, uma estreita relação entre estilo e visão, escrita e impressão, que conduz ao segundo sentido da redescoberta do tempo: a redescoberta da impressão", a decifração dos signos (...) a conversão da impressão em obra de arte", literatura¹⁴. Num terceiro sentido, o tempo redescoberto é a apreensão das relações entre vida e literatura, e a posição do problema da morte. "Porque o tempo redescoberto é também a morte redescoberta"¹⁵.

Em **Tempo e Narrativa II**, Ricoeur aborda, assim, os aspectos temporais da experiência ligada às narrativas de ficção, mostrando como estas complexificaram a noção de ordenação da intriga e abriram perspectivas novas de experiências do tempo.

Os estudos de nosso autor sobre três fábulas do tempo prepararam a abordagem da **refiguração** do tempo pela narrativa e o confronto do mundo do texto com o do leitor, pondo também em questão o problema da verdade, mostrando o poder da ficção de desvendar o mundo.

O pensador francês aponta ainda as convergências da **configuração do tempo** pelas narrativas de ficção e histórica, assinalando: que em qualquer narrar ocorre a mediação simbólica da ação; que a ordenação da intriga (*mythos*) evidencia o parentesco entre a história e a literatura; que há um laço estreito entre a epistemologia das explicações históricas e a epistemologia da gramática narrativa pois ambas, na configuração narrativa, estabelecem sínteses do heterogêneo, que parecem implicar um certo tipo de racionalidade especial, que nosso autor chama de **inteligência narrativa**.

Em resumo, podemos assinalar os seguintes elementos essenciais na concepção de tempo em Ricoeur:

a) desde os mitos antigos até o romance moderno e a ciência histórica, o tempo é caracterizado pelas experiências da tristeza do finito, da decepção e da perda;

b) a arte, fazendo perdurar o transitório, é o elemento essencial na tentativa de resgate da derelicção do tempo, pela multiplicação dos horizontes temporais;

c) as experiências do ser-no-tempo e da busca da verdade se identificam e essa identidade é traduzida, no plano existencial, pelo confronto entre o amor e a morte, tempo e eternidade;

d) há uma dimensão hermenêutica e poética e toda narrativa, enquanto esta é vida interpretada, decifração da realidade essencial;

e) há uma analogia entre o tempo plural dos personagens de ficção e a irredutível pluralidade das concepções do

tempo das diferentes culturas, emblema do confronto entre tempo e eternidade.

Fio condutor no labirinto das polêmicas contemporâneas, a "via longa" de Ricoeur abre horizontes de uma poética que, sem confundi-los, aproxima outra vez mito, história e verdade.

Não esgotamos, no presente estudo, a discussão do problema do tempo em Ricoeur. Deixamos deliberadamente de lado múltiplas questões relativas à epistemologia da história, à filosofia da linguagem, à teoria do romance.

Buscamos, apenas, pôr em relevo um tema, a nosso ver crucial, da sua teoria: a concepção poética do tempo, que estabelece nexos entre ciência e poesia e valoriza a linguagem de duplo sentido, identificando essa decifração poética da temporalidade humana com a procura da verdade.

Nisso consiste a contribuição de Ricoeur: o estabelecimento dessa via nova que nos encaminha da epistemologia à estética e à ontologia, ao meditar sobre o tempo.

NOTAS

(1) RICOEUR, *La Métaphore vive*, Paris, Seuil, 1975, p. 10.

(2) Id., *ibid.*, p. 310.

(3) Id., *ibid.*, p. 311.

(4) Id., *ibid.*, p. 308.

(5) Id., *Temps et Récit I*, Paris, Seuil, 1983, p. 57.

(6) Id., *ibid.*, p. 100.

(7) Id., *ibid.*, p. 122.

(8) Id., *ibid.*, p. 129.

(9) Id., *ibid.*, p. 278.

(10) Id., *Temps et Récit II*, Paris, Seuil, 1984, p. 119.

(11) Id., *ibid.*, p. 164.

(12) Id., *ibid.*, p. 174.

(13) Id., *ibid.*, p. 219.

(14) Id., *ibid.*, p. 221.

(15) Id., *ibid.*, p. 224.